

Poucas palavras

César Sovinski

Minicontos, minicrônicas, frases – minitextos para prender o leitor antes que ele volte às atrações irresistíveis do celular, dos games, da TV. No mínimo espaço, em poucas palavras, não menos que a vida encarnada em viveres diversos.

Tinha dezoito anos quando descobri Dalton Trevisan, meu conterrâneo. No vetusto seminário, era um escritor maldito, ninguém tinha acesso às suas obras. Que deslumbramento ao ler um texto seu pela primeira vez, *Uma Vela para Dario*. Na sequência, fui atrás de seus livros. Pronto, era mais um de seus incontáveis leitores.

Anos depois, ele nos apresentava as suas micronarrativas no livro “*Ah, é?*”, de 1994, o máximo de concisão, quase poesia, quase haicais, o mínimo de palavras para o maior efeito. Um efeito extraordinário na mente de um jovem leitor, apaixonado por literatura.

Outro que sempre admirei foi o gaúcho Mário Quintana, tão simples, tão profundo, tão direto, tão conciso. Seus “quintanares”, minitextos, são um verdadeiro manjar dos deuses.

Além deles, cito Franz Kafka, o genial escritor de língua alemã, com minicontos surpreendentes, que descobri naquele tempo.

Marcelo Spalding, gaúcho, escritor, professor de literatura, em dissertação de Mestrado em Literaturas Brasileira, Portuguesa e Luso-africanas, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, sob título “*Os Cem Menores Contos Brasileiros do Século e a Reinvenção do Miniconto na Literatura Brasileira Contemporânea*” toma essa obra para uma investigação acerca do miniconto, demonstrando sua presença na

América Latina e nos Estados Unidos, sua relação com o minimalismo até chegar no surgimento dessa estética no Brasil, analisando como o miniconto é capaz de produzir uma narrativa com começo, meio e fim preservando as propriedades do conto em espaço tão exíguo. Um importante trabalho sobre a história desse gênero literário, ainda pouco familiar para grande parte dos leitores, fundamental para entendermos as qualidades, os recursos, os efeitos de textos tão curtos.

A partir do início dos anos 1990, estudos e antologias começaram a abordar o tema com destaque, resultando em centenas de publicações em todo o mundo.

Ainda que não pareça, as micronarrativas de ficção não são algo recente. Grandes nomes da literatura mundial como Tolstói, Jorge Luis Borges, Bioy Casares, Julio Cortázar e Ernest Hemingway já incursionaram pelo tema. O escritor guatemalteco Augusto Monterroso, que morreu em 2003, é tido como um dos fundadores do “gênero” com o conto “O Dinossauro”, escrito com apenas trinta e sete letras e considerado o menor da literatura mundial, na época: “Quando acordou o dinossauro ainda estava lá.”

O norte-americano Ernest Hemingway também é o autor de outro famoso microconto, com apenas vinte e seis letras: “*Vende-se: sapatinhos de bebê nunca usados*”.

No Brasil, o pioneiro foi o escritor Dalton Trevisan, com o livro “*Ah, é?*”, de 1994.

Mesmo não havendo nenhuma regra clara, uma das definições para o microconto seria o limite de 150 caracteres, incluindo espaços. Mas isso varia conforme os concursos.

HISTÓRIAS DE SEIS PALAVRAS

O conceito de “*Six Words Stories*” (“histórias de seis palavras”) foi criado por Ernest Hemingway, escritor norte-americano, autor do livro *Por Quem Os Sinos Dobram*. Certa vez, instigado a escrever um conto com apenas seis palavras (seu melhor conto, segundo ele próprio), ele fez a primeira *flash storie* de seis palavras.

“*For sale: baby shoes, never worn.*” (“Vende-se: sapatos de bebês, nunca usados”), escreveu Hemingway, enfileirando seis palavras em uma frase que, apesar de inofensivas, são pauta para longas horas de discussão.

O conto ficou famoso e não é difícil achar concursos literários com esse mote. A ideia é fazer uma história se valer pela densidade de seu conteúdo, não pelo estilo. Concisão, sugestão e impacto são características do conto de seis palavras.

Para a Walkíria, inspiração e força.

Índice

- 6. Nós*
- 15. Eles*
- 18. Lua, 50 Anos*
- 20. Livros*
- 22. Caminhada*
- 24. Morte*
- 30. Holocausto*
- 33. Comédia Humana*
- 39. Fragilidade*
- 52. O Néctar da Cegueira*
- 55. Notícias*
- 57. Dia Internacional da Mulher*
- 60. Cidades*
- 70. Pessoas com Deficiência*
- 73. Histórias em Quadrinhos*
- 81. Cinema*
- 84. Reino Animal*
- 88. O Bem Sem Olhar a Quem*
- 89. Trajetórias*
- 91. Machado Lá Em Casa*
- 93. Outras Histórias*
- 102. A Guerra Contra as Vacinas*
- 107. Bíblicos*
- 110. Curtas*
- 116. Seis Palavras*

NÓS

Encontro

O encontro foi casual; a felicidade, premeditada.

Ventura

Haverá debaixo do céu ventura maior do que encontrar, entre bilhões de pessoas, a pessoa amada? É encontrar na imensidão do espaço, em meio a trilhões de galáxias com bilhões de planetas, uma Terra semelhante à nossa, com dias e noites parecidos, céu da boca estrelado, vulcões cuspidos fogo, rios de humores, gravidade, atmosfera, tufões, maremotos, lufadas de ar e de vontades. Independente, única, e, no entanto, atraída pelo magnetismo da outra, disposta a reproduzir com seu planeta gêmeo o milagre da vida a dois, propiciando ao casal emoções inéditas. Se aqui o clima anda ruim, pulamos para o outro planeta, que nos acolhe de braços abertos.

Casamento

Pálida e trêmula vai a noiva, o buquê tiritando nas mãos, como se movido a pilha. O casamento abre o portal de uma região desconhecida, habitada por anjos, demônios, fadas, duendes, príncipes, monstros, dragões... Por mais longo que seja o namoro, nunca saberemos com quem estamos casando.

Visita à casa materna

Volto à velha casa hospitaleira depois de alguns dias. Era esta a sala... A ausência de minha mãe toma conta do ambiente, sua presença avulta nos retratos, de onde observa a alma da gente, sua

respiração arqueja nos objetos pessoais, seus gemidos doridos gemem nas imagens sacras.

Por mais que me esforce, não consigo entender o significado da expressão “derradeiro adeus”.

Viúva

Foram-se os anéis no penhor da Caixa, foram-se os dedos no tanque de lavar roupa, foi-se a alma na mão dos agiotas.

Madrasta

Minha mãe ia se afastando cada vez mais. Quando chegou ao carro, virou-se e acenou o último adeus. Naquele instante, outra senhora chegou-se a nós, parados pregados na pedra da porta do internato.

— Olá, meninos. Sou a Saudade. Não se preocupem, na ausência de sua mãe, cuidarei de vocês, serei a sua madrasta de agora em diante. Durante o dia, nada de queixumes, nada de lágrimas. A rotina será pesada, estudos, faxina, esportes, muitas horas de oração. À noite, sim, poderão chorar baixinho sob o lençol.

Música

Na tarde de outono, a calçada coberta de folhas amareladas, ouço velha música da minha adolescência. Fazia mais sucesso do que um pacote de doce entre as crianças. Seus acordes quebram minha alma enfraquecida, quebradiça como a porta da cristaleira de minha mãe, atingida pela bola de futebol com que os filhos brincavam atrevidamente na sala. Estilhaços se esparramam pelo chão. Impossível consertá-la, como fizeram com a porta do móvel.

Ceia de Natal

Tinham gosto amargo o peru, a maionese, a sobremesa, o suco... Primeiro Natal sem meu pai.

Maluco I

Eu esfregava as mãos, transpirava, tinha a boca seca ao chegar à portaria do hospital psiquiátrico, onde fora visitar meu pai.

Ouvia a voz de minha mãe repetindo: você é igualzinho a seu pai.

Maluco II

De tanto ler, endoidou. Pensou que podia entender as palavras e escrever.

Sensitivo

A caminho de casa, eu sentia as lambadas da vara de marmelo.

Mal-humorado

Eu andava tão irritado que quando falava comigo não me respondia.

Nada é perene

Quando criança, aprendi que a Terra é esférica, o Nilo era o rio mais longo do mundo, o Amazonas o mais caudaloso, que o ponto mais alto do Brasil era o Pico da Bandeira, que a cordilheira do Himalaia era coberta de neve... De lá pra cá, a mais alta cadeia montanhosa do mundo perdeu toneladas de gelo e exhibe uma fração de seu corpo nu. Hoje, o pico mais alto do país é o Pico da Neblina, e novas medições afirmam que o Amazonas é o maior rio do mundo. Íncultas

figuras afirmam que a terra é plana. Enquanto eu crescia, montanhas sumiram, rios perenes secaram, países foram riscados do mapa, outros se dividiram, mudaram de nome. Minha face ganhou vincos, meu corpo novos contornos, os cabelos foram ceifados pelo tempo. A geografia do planeta, e a minha, mudou muito nos últimos anos.

Escola

Nunca fui bom aluno em matemática, física, química. Preferia português, geografia, ciências... Durante as aulas de exatas, enquanto os outros estudavam, eu escapava, sorrateiro como uma onça, para o *Sítio do Picapau Amarelo*.

O melhor tempo

Da cozinha chegava o aroma bom do almoço que minha mãe preparava. Meu pai vinha do serviço na bicicleta *Monark*, protegendo a calça com o prendedor de barra, na cabeça o inseparável chapéu... Aquele tempo sim era bom, digo eu com saudade. Aquele tempo sim era bom, dirão meus filhos, no futuro. Tempo bom é aquele em que temos nossos pais ao nosso lado, dois anjos da guarda, como aquele do quadro, a nos auxiliarem na travessia da ponte precária, sobre um rio de águas agitadas.

Quem vê cara

Na foto, uma pose da família. Sorridentes, felizes pelo passeio ao litoral catarinense, ao fundo o Centro Histórico de São Francisco do Sul.

A mulher disfarça as dores latejantes da enxaqueca; o marido, sorriso amarelo, dissimula a

preocupação com o sangramento da hemorroida, no dia anterior; o menino, cara desanimada, queixa-se de dor de barriga, pede banheiro urgente!

Insônia

Interminável é a noite, apesar dos comprimidos e das cápsulas para o sono. Vira-se, revira-se, o corpo dolorido como uma alma fustigada pela saudade. Apela, então, para o antigo método de contar carneirinhos. Em 15 802, quando os músculos começam a relaxar e o cérebro entra em repouso, ladre o cão pastor insone do vizinho, invade o quarto e devora os lanudos animais.

Alergia

Na cena, a atriz fuma dentro de um *pub* inglês. Sinto as narinas congestionadas, falta-me ar, desperto no Pronto Socorro.

A vida se renova

A futura mamãe, com o auxílio da futura vovó, ocupava-se dos mil preparativos para receber a primeira filha – sapatinhos, travesseirinhos, mantas, lembranças da maternidade, cartão, álbum de fotos...

Foi quando a vovó teve a ideia de criar um grupo no *WhatsApp*, “Bolão da Cecília”, onde familiares e amigos pudessem acompanhar as notícias da bebê, exercitando a sua vidência sobre o dia do nascimento dela.

O Ano de 2020 foi pródigo em novidades. Abrindo os trabalhos, em janeiro surge a notícia de um novo corona vírus na China. Em 11 de fevereiro, a Organização Mundial da Saúde (OMS) definiu que a

doença respiratória provocada pela infecção do novo coronavírus deveria ser chamada de Covid-19. Em 25 de fevereiro, foi notificado o primeiro caso no Brasil. No dia 11 de março a Organização Mundial da Saúde declara como pandemia o surto do novo coronavírus no mundo, e o Brasil tem as primeiras mortes.

O sul do país tem seca inédita, inverno com calor acima da média, racionamento de água. Imensa nuvem de gafanhotos, vinda da Argentina, ameaça o Rio Grande do Sul.

De repente, para espanto de todos, o grupo no *Whats*, concebido para noticiar a vinda da Cecília, serve para anunciar o internamento na UTI de um primo infectado pela Covid. Assim, ora tínhamos novidades sobre a futura habitante do planeta, ora sobre o paciente atacado pelo tenebroso vírus.

A bebê nasceu linda e saudável, nossos corações aspergidos pela água benta da felicidade.

Cinco dias depois, a infausta notícia: nosso primo viera a óbito. Tristíssima tragédia! Ninguém esperava, tão forte que era, tão disposto, tão amável. Desespero, consternação, impotência. Morte em circunstâncias tão dolorosas, quinze dias longe dos familiares, cremado sem que a esposa, o filho, os amigos pudessem vê-lo pela derradeira vez. Mais um brasileiro nas estatísticas da Covid, enquanto o governo, a exemplo de outros países, não sabe ao certo como proceder, ora desdenhando da letalidade do vírus, ora alardeando os benefícios deste ou daquele medicamento, mesmo sem comprovação cabal.